Instituto do Ceará

(Estudo Historico)

Mario Mélo, o infatigavel cultor de cousas do passado, dando conta de sua gestão annual como perpetuo secretario do Instituto Archeologico de Pernambuco, a que é obrigado por um preceito regulamentar, escreveu esta grande verdade: «Os Institutos historicos não são associações meramente particulares, mas gremios de utilidade nacional, porque são os archivos e os museus onde se guardam as reliquias dos feitos de nossos antepassados». Alludia o festejado historiador ao predito Instituto Archeologico, notavel aggremiação, que tem sabido cultuar a historia do glorioso Estado de Pernambuco, e, com desusado patriotismo, honrar as suas bellissimas tradições.

Talvez—e nisto não vae nenhuma censura—identico pensar se não possa ter quanto ao Instituto do Ceará. Vacilla-se entre a affirmativa e a negativa.

Ao primeiro confronto, que se fizer, resalta logo o despreso dos homens do Ceará pelo desenvolvimento da benemerita associação, em tal gráo de indifferentismo que parece são existir ella. Manda a justiça, porém, que se reconheça a abnegação de meia duzia de associados, seus verdadeiros sustentaculos, nesses quasi oito lustros de existencia.

O contraste, entretanto, é evidente: o de Pernambuco, encontrando, em todos os tempos, o apoio official dos governantes, o mais acendrado patriotismo dos pernambucanos, sempre na vanguarda dos respectivos interesses sociaes, pugnando pelo seu engrandecimento, não ha muito tempo (dec. n. 3675 de 8 de Janeiro de 1919) officialmente reconhecido pela União, como sociedade de utilidade publica nacional; o do Ceará, nenhum auxilio directo ou indirecto recebendo dos poderes estaduaes, vivendo apenas de suas parcas economias e do devotado esforço de alguns de seus socios.

Se, em Recife, séde do Instituto Archeologico, «o camartello da demolição, com a mesma ferocidade com que Emiliano destruiu Carthago, arrasou o vetusto edificio da Praça da Concordia para, em seus escombros, levantar o jardim da hodierna Praça Major Codeceira», o condemnavel acto destruidor teve as vistas carinhosas e protectoras de um governo, que, testemunha presencial de suas necessidades, deu ao conceituado nucleo de lettras séde propria em predio adrede preparado para os seus magnos fins.

Neste particular, differente, muito differente tem sido a vida do Instituto do Ceará, assemelhando-se, em sua instabilidade continua, a essas pequeninas aves de arribação, sem pouso certo, sujeito ao capricho do destino, vivendo sempre de emprestimo: primeiramente occupando o compartimento oriental da Bibliotheca Publica, no local onde existiu o antigo Theatro Concordia, o primeiro que teve a capital—na esquina que olha para o secular oitiseiro existente nos fundos da egreja do Rosario,—graças á gentileza do Presidente da Provincia dr. Enéas de Araujo Torreão, e onde esteve até o anno de 1896; depois, fazendo a sua transferencia para o pavimento terreo do palacete da Assembléa Estadual, cedido pelo Presidente Accio-

ly; em seguida, funccionando em velho e acanhado predio particular, situado, é verdade, no coração da cidade, mas esquecido de tudo e de todos; e, ultimamente, seu velho archivo despresado em escusa dependencia da Prefeitura Municipal.

Entre nós nenhum governo até hoje teve o gesto altiloquente de seu collega de Pernambuco, ao menos dotando o Instituto com escassa subvenção orçamentaria de modo a auxilial-o a ter uma casa fixa, permanente.

O mal, todos nós sabemos-lhe a origem, está no descaso que sempre se deu, aliás por força das circumstancias do meio, ás associações de lettras do Ceará, em uma terra em que, segundo o dizer de alguem, affirmam as estatisticas ser a nossa porcentagem de analphabetos tão grande, que, neste terreno, podemos proclamar nossa superioridade sobre quasi todos os paizes do mundo.

Volvendo-se o olhar em derredor das chronicas dó passado vêr-se-á que nenhuma sociedade, no genero, medrou, não só dando pouco signal de vida, como predominando em todas ellas falta de estimulo, ás vèzes gerado por discordias improprias do ambiente em que floresciam. Aliás o mal se estende a qualquer aggremiação, encarada sob o ponto de vista geral. O Instituto do Ceará, comtudo, tem em alguns casos feito excepção á regra.

Rememorando o que foi, em Fortaleza, a utilissima associação que se denominou «Gabinete Cearense de Leitura», cuja ambição unica, consoante documento da epoca, era tão somente trazer para a Provincia «todo progresso que lhe pudesse advir na diffusão da instrucção», ter-se-á a justificativa do assêrto.

Tão proveitoso nucleo, no periodo de sua duração — 1875-1886, sahindo, aliás, dos moldes institucionaes, conseguiu prestar relevantes serviços em pról dos necessitados na quadra calamitosa da sècca de 77 «que tão lugubres traços deixou em sua

passagem desoladora». Isto effectivou, porém, não sem pequenas difficuldades, «recorrendo á philantropia de outras Provincias do sul e norte do Imperio».

Pois bem. O «Gabinete» tendo a sorte dos que lhe antecederam ou succederam, cerrou a sua bellissima trajectoria de u'a maneira por demais honrosa. Assim faz elle offerta, por intermedio do governo de então, á Bibliotheca Publica do Ceará, de tudo quanto lhe pertencia—1669 volumes encadernados e 477 brochuras, collecções de revistas, de jornaes, entre as quaes a collecção do «Diario Offial» mappas, quadros, estatuas etc., exigindo apenas, em troca de tão encarecido presente, que em uma das salas da Bibliotheca lhe fosse perpetuado o nome «ao qual estaria tambem ligada a lembrança daquelles nacionaes e estrangeiros, que lhe foram de incentivo e de auxilio na cruzada em que por mais de um decennio folgou de estar empenhado».

Foi esta «a pagina ultima da historia da vida» de tão importante gremio, que, em seus dias de existencia, contava no ról dos associados individualidades respeitaveis do pulso dos srs. drs. Antonio Domingues da Silva, Virgilio Augusto de Moraes, pharmaceutico João da Rocha Moreira, Fausto Domingues da Silva, Joaquim Alvaro Garcia, Francisco Perdigão de Oliveira, já fallecidos, e dr. Guilherme Studart (posteriormente Barão de Studart), Julio Cezar da Fonseca e outros.

Suppõe-se não ter sido satisfeita a «ultima vontade» do «Gabinete», perpetuando-se o seu nome em uma das salas da Bibliotheca Publica, justamente aquella que, por ventura, abrigou os seus possuidos, mas, em nossos dias será gratissimo aos seus antigos organisadores o testemunho official do Presidente da Provincia desembargador Joaquim da Costa Barrada, dizendo em documento publico que, independente do que pedia e seria satisfeito, o «Gabinete» viveria immorredouramente

no coração cearense, como representando um grupo de cidadãos prestimosos, que, sem fito em recompensa de especie alguma, procuraram encher sua provincia de beneficios, diffundir a instrucção, soccorrer as victimas da sêcca, e ultimamente terminavam a existencia da instituição, que fundaram, com mais este importante donativo—a offerta de sua livraria e archivo.

Não são esquecidos os beneficios da «Padaria Espiritual» (1892—1896), notabilissima associação de lettras que, mantendo a sua revista «O Pão», no fecundo periodo de sua vida editou trabalhos de folego de Antonio Salles, Sabino Baptista, Rodolpho Theophilo, Antonio de Castro, Xavier de Castro, Livio Barreto e José Carvalho.

O que foi, ao seu tempo, essa conhecidissima tertulia, dil-o Rodolpho Theophilo em scintillante pagina do seu livro «Scenas e Typos», no suggestivo capitulo "Moedeiros Falsos".

Ouçamos o operosissimo escriptor transcrevendo as suas proprias palavras proferidas na occasião em que, procurando, elle, "matar o tempo", trazendo em reminiscencias epocas d'outr'ora, como affirma, pegava no primeiro livro que se lhe deparava á frente, de suas estantes, e este não era outro senão um volume da revista "O Pão" da gloriosa "Padaria Espiritual".

Fala assim Rodopho Theophilo:

"Feliz coincidencia! Tinha com que me deleitar, ia remoçar vinte annos, viver das gratas recordações do passado, em que meu espirito de moço tinha illusões e era crente.

"Aquellas folhas estavam impregnadas do perfume suave das flores da mocidade.

"Nellas eu acharia um lenitivo aos desenganos da velhice, ás saudades dos tempos idos, das illusões que ficaram perdidas pelos invios caminhos da existencia, se avivariam, mas me confortando, como bem disse o Garrett.

"Abri o livro e me vi cercado dos meus bons e queridos companheiros da "Padaria", dos quaes a morte levou a maioria ainda no alvorecer da vida.

"Transportei-me em espirito áquelles tempos e fui cavando o passado.

"Que agradaveis reminiscencias! As sessões aos sabbados, aquelles inesqueciveis serões litterarios, eu os estava assistindo; as figuras que eu via espiritualmente se corporizavam e eu as estava vendo como naquella epoca. A illusão era perfeita! Que saudade me pungia todo!... Todos elles ao redor de mim, como se a mór parte delles podesse se erguer do sepulchro e para mim vir!

"Via o Almeida Braga em plena virilidade, vigoroso e forte, com a sua logica de ferro e fina "verve" a sustentar paradoxos; o Sabino Baptista, alma toda affectiva, bom poeta, a applaudir as anecdotas de José Carvalho, outro bello talento, tendo em grande conta os seus ascendentes, entre os quaes figura d. Barbara com as suas gargalhadas homericas; o Antonio Bezerra de todos nós o mais velho, uma cabeça de 50 annos com um cerebro de creança, poeta e historiador, a fazer espirito relatando episodios comicos de sua mocidade ou recitando trechos do seu Zé Guedes ou do paletot de crescimento; o Antonio Salles, magro, moreno e pallido de dispepsia, com seu olhar scintillante, trincando um charuto a recitar bellissimos versos que nos enchiam de enthusiasmo; o Arthur Theophilo, muito franzino, um problema de homem mas espirito gigante, a ler em voz fraca e rouca o seu conto—"O caso do Sargento"—no qual não sei o que era mais admiravel, a forma ou a concepção; o José Carlos Junior, nosso padeiro-mór, pequeno, no qual a natureza descurou do physico, mas em compensação se esmerou no espirito, a ler com dicção clara as bellas paginas do seu romance em preparação,

"Os canhões amarellos"; o Antonio de Castro, muito forte e vigoroso, acanhado como um collegial a recitar lindas estrophes de suas "Marinhas"; o Ulysses Bezerra, um magricella com o qual a natureza foi ingrata quando lhe arrumou o arcabouço, mas penitenciou-se de tal injustiça, dando-lhe um bom intellecto, a recitar as suas "Paginas Soltas"; Roberto de Alencar, de nós o mais moço, o nosso Benjamin, a ler com grande timidez as suas "Rosas"; o Lopes Filho, moreno e magro, um bom poeta, a recitar com emphase os seus versos "O cahir das Folhas"; o Waldemiro Cavalcante, um grande espirito, republicano historico, que morreu desilludido dos homens, da Republica, que ajudou a fazel-a e que acabou martyrisado por uma molestia cruel, porem com uma fortaleza de animo fóra do commum e uma resignação evangelica, com a sua physionomia sympathica e attrahente, rosto muito branco e barba longa a Nazareno, fazendo contraste com a espessa cabelleira negra, a ler bonitos trechos de prosa e apurado estylo; o José Nava, muito alto e magro, de rosto comprido, muito novo ainda, imberbe, desembaraçado, espirito folgazão, a ler os seus ensaios litterarios; o Cabral de Alencar, Cabralzinho, como nós o chamavamos por ser rachitico, um emulo do Arthur Theophilo no corpo e no espirito, a estrear com um bellissimo conto tão empolgante que o Almeida Braga, finda a leitura, que foi ouvida em absoluto silencio, perguntou-lhe: *menino, isso foi escripto por você?* Henrique Jorge, outro magricela, pequeno, hoje um reputado maestro, a executar no violino trechos classicos cujas harmonias nos extasiavam; Xavier de Castro, a recitar os seus bellissimos chromos, quadras de viver do povo, verdadeiras aguarellas que muito nos deleitavam; o Eduardo Saboya, moreno e folgazão, de pequena estatura, mas a revelação de um grande espirito, embora adolescente, recitando al-

guns capitulos de seu conto de estréa "Contos do Ceará"; Luiz Sá, um adorador de Miguel Angelo, muito desconfiado, sempre meio escondido, com grande talento, mas pensando que as nossas pennas valiam mais do que o seu pincel, a nos dar bellos frescos, paisagens da nossa natureza; Francisco do Valle muito vigoroso, com muita saúde, a recitar um soneto fazendo o perfil de Marcos Serrano.

"E essa pleiade de intellectuaes, os nossos futuros scientistas e litteratos, da qual dois terços são mortos, ia desfilando pelo meu espirito e fazendo que todo elle vibrasse de uma saudade què me pungia, que me traspassava, saudade da minha mocidade, saudade daquelles amigos".

E o "Centro Litterario" (1894) com a sua revista "Iracema", cujos creditos eram firmados por mentalidades da força de Justiniano de Serpa, Pedro Muniz, Guilherme Studart (Barão de Studart), Alvaro Martins, Rodrigues de Carvalho. Ulysses Sarmento, Themistocles Machado, Vianna de Carvalho, Josê Lino, Annibal Theophilo, Frota Pessoa, H. Castriciano, Papi Junior e outros ?

E o que se poderá dizer da "Academia Cearense" (1894) que sulcos tão brilhantes deixou na memoravel ascendencia que teve, ao seu tempo, nas letras da terra ?

Felizmente, documentos ficaram que corroboram o cyclo proveitoso de sua existencia: a disputada collecção da fulgurante Revista, que lhe era orgão, cheia de attestações vibrantes dos litteratos e historiographos de então, estupendos monumentos que se ergueram em prol da historia do Ceará e do seu meio litterario.

Não precisamos mais avançar. Citar outras aggremiações de somenos valor em que, sem duvida, maior foi a falta de incentivo, é repizar uma cousa de todos nós conhecida.

O simples transumpto das quatro sociedades, as mais notaveis dos nossos dias, é o sufficiente para justificativa do expendido.

Foi Antonio Salles quem, em sua primorosa palestra "As Leituras", affirmou pouco se ler em nosso paiz, dando, não só como causa principal o insignificante numero de lettrados, como ainda não termos o habito de leitura. Ha pessoas abastadas—diz o mesmo escriptor—que entre os seus bellos moveis não contam uma unica estante para livros.

E' este outro mal que, de certo modo, affecta a vida da nossas instituições de lettras. Sendo, de facto, pequeno o numero dos que sabem ler "no sentido moral e litterario da expressão», como proclamou o citado prosador, é claro, é logico que tão diminuta parcella não podia contribuir para o desenvolvimento dessas mesmas aggremiações, faltando-lhes o apoio tão necessario á sua existencia.

Hodiernamente temos algumas sociedades que em nosso meio muito têm cooperado para o engrandecimento das lettras, mas, em que pesem o saber e esforços de seus congregados, não farão ellas, comtudo, excepção á regra.

—

Foi precisamente a 4 de Março de 1887 que alguns intellectuaes cearenses, congregados com o mais justo dos fins, lançaram, em Fortaleza, as bases da organização do «Instituto do Ceará». Era pensamento da sociedade, em formação, fazer conhecidas a historia e geographia da Provincia, concorrendo, deste modo, para a propagação de suas lettras e sciencias.

Esta iniciativa partiu dos srs. drs. Paulino Nogueira, Guilherme Studart (posteriormente Barão de Studart), Antonio Augusto, professor Joakim

Catunda, Julio Cezar, padre dr. João Augusto da Frota e Antonio Beserra, recebendo, no mesmo dia da installação do «Instituto», a adhesão dos snrs. drs. Virgilio de Moraes, Virgilio Brigido, José Sombra, Juvenal Galeno e João Perdigão. Ficava assim constituido o numero exacto de seus doze socios effectivos, segundo exigencias de um preceito regulamentar.

Eram, pois, esses vultos que passariam a ser os primeiros e esforçados obreiros do progresso das lettras cearenses, destinados como estavam, por esse meio, a tirar da ignorancia, que até então perdurava, a historia natal. Eram elles que fincando o marco inicial da existencia desse utilissimo gremio, viriam, em futuro não remoto, contribuir, nesse particular, para o engrandecimento do bêrço nativo. Investigando o passado, rememorando as suas tradições, «arrancadas dos archivos do solo ou das pedras carcomidas dos monumentos», por intermedio desse «Instituto» dar-se-hia testemunho publico do quanto valia o Ceará, pois «nenhum dos Estados do Brasil tem como elle tamanha copia de documentos, mais vastos e seguros subsidios para a formação completa de sua historia especial».

Era esta a maneira de pensar de seus fundadores.

Data eloquentissima, pois, é a que se registra, notavel por todos os titulos, enchendo de justo orgulho a alma cearense.

Entretanto, tem sempre passado ella no olvido. A merecida apotheose, que lhe é devida, se tem restringido, ordinariamente, a doces e fugaces reminiscencias...

Outro qualquer que fosse o meio, onde houvesse mais gosto pelo cultivo da historia patria, mais estimulo mesmo para os que fazem excepção á regra dos indifferentes, sem duvida, não persistiria ella em esquecimento tão injustificavel.

Certo, hosannas seriam entoadas aos esforçados batalhadores, que nestes quasi oito lustros de mourejamento continuo e sem treguas, numa cruzada louvabilissima, têm sabido vencer grandes difficuldades, cooperando para os bons creditos de tão benemerita associação.

Mas a verdade é uma: na éra presente, é palpavel, a olhos nus, o descaso dos nossos homens de lettras por tudo aquillo que diz respeito ao desenvolvimento do «Instituto», salvo honrosas excepções, limitado grupo de abnegados intellectuaes, que se destaca, que não sente desfallecimentos e tem procurado elevar dignamente a sua reputação, concentrando em sua operosidade a força motriz, o élo da convergencia da marcha progressiva desse proveitoso nucleo. Estam nesse ról as individualidades respeitaveis dos srs. drs. Thomaz Pompeu, Antonio Theodorico e Barão de Studart, podendo-se dizer que na veneranda pessoa desse ultimo escriptor se resume a vida do «Instituto», vivendo para elle e em favor delle dispendendo toda a sua energia mascula, todo o ardor e devotamento de que é possuidor pelo lendario torrão, que se honra de o ter como um dos seus dilectos filhos.

Bem hajam os nomes desses denodados luctadores do saber que em opportuno momento lançaram o germen da semente, que mais tarde, brotando uma seiva tão vigorosa, traria resultados tão beneficos, como os que, hodiernamente, vae experimentando o «Instituto do Ceará».

—

Foi justamente no primeiro quartel desse anno de 1887, memoravel para a historia do Ceará, que, coincidindo com a sua installação, surgiu, na arena da imprensa indigena, o primeiro fasciculo de sua importante Revista.

Compulsando-se os milhares de paginas que enriquecem os trinta e oito volumes de sua vida, vê-se o quanto de util e interessante existe nessa publicação, promptuario das gloriosas tradições da terra cearense e dos feitos dignos dos seus primévos exploradores, infatigaveis pioneiros, que souberam desbravar a seára inculta, e, mui abnegadamente, corajosameute, ennobrecer «a terra de Pompeu e de Alencar», de modo a reclamar a primazia e precedencia que ella tem apresentado nos fastos historicos e sociaes, de que nos fala T. Alencar Araripe em suas «Primazias do Ceará».

As maximas acções de Pero Coelho, Martim Soares, Francisco Pinto, Luiz Figueira -essa aventurosa pleiade de descobridores, como os classifica Pedro de Queiroz, Filgueiras, Tristão, Pinto Madeira, Antonio Manoel, Bolão, Carapinima, Mororó, Ibiapina, Padre Alencar, Pompeu, Sampaio, Tiburcio, Clarindo, José de Alencar e outros tantos—«como melhor dirão os mestres da escripta e da historia», ahi estão para dignificar essa grande obra.

—

Um retrospecto nos volumes dessa conceituadissima revista dará uma idéa do seu valor nas lettras patrias.

No seu primeiro fasciculo, que abrange o trimestre de 1887 e foi impresso na «Typ. Economica», pondo de parte aquillo que é attinente aos magnos fins do «Instituto», na inserção da relação nominal de seus socios, sua primitiva mesa administrativa, acta dos trabalhos iniciaes, estatutos, etc., vê-se a parte litero-historica illustrada com alguns traços de Antonio Rodrigues Ferreira, o reformador de Fortaleza, da penna do provecto sr. desembargador Paulino Nogueira, de saudosa memoria, seguindo-se-lhe a publicação da interessante memoria apresentada á Junta do Governo do Ceará,

em 1823, pelo Padre Vicente José Pereira, summula de um dos acontecimentos publicos de maior monta desenrolado na então Provincia. Fecha este fasciculo expressivo trabalho do vate cearense Juvenal Galeno, trazendo em recordações as desgraças da sêcca do 1878, uma reproducção dos quadros calamitosos a que se acha sujeito o Ceará. O segundo fasciculo, abrangendo os segundo e terceiro trimestres de 1887, sahiu da «Typ. do Cearense». Traz a copia dos officios trocados entre a Presidencia da Provincia e o «Instituto» sobre a designação do predio para a séde da mesma instituição. Publica alguns trabalhos historicos, firmando varios artigos os srs. G. Studart, J. Catunda, Perdigão de Oliveira e Juvenal Galeno. O quarto fasciculo, fechando o primeiro tomo do anno de 1887, voltou a ser impresso na «Typ. Economica», e encerra inteiro o «Vocabulario Indigena em uso no Ceará», importante trabalho do desembargador Paulino Nogueira, unico que se conhece, no genero, em relação ao Estado, o qual abrange as paginas 209 a 432 do tomo referido. Desse fasciculo é exgottada a respectiva edição.

O segundo tomo, abrangendo os quatro trimestres do anno de 1888, segundo de existencia da «Revista», compendia valiosos documentos para a historia do Ceará. Entre outros trabalhos destacam-se o que se occupa das luctas de 1824, da lavra do sr. dr. Virgilio Brigido, e o bem feito discurso de Julio Cesar da Fonseca, proferido na sessão solemne commemorativa do fallecimento do socio do «Instituto» dr. José Sombra. Firmaram ainda bons artigos os srs. G. Studart (Barão), J. Catunda, Antonio Augusto, Perdigão de Oliveirra, Paulino Nogueira e João Brigido. A «Revista» continuou a sua publicação na «Typ. Economica».

O terceiro tomo, anno de 1889, publica uma interessante, memoria sobre a capitania do Ceará,

escripta de ordem superior pelo sargento-mór João da Silva Feijó. Os srs. J. Brigido e Thomaz Pompeu iniciam a publicação de dois substanciosos trabalhos: o primeiro, occupando-se de suas «Biographias», a começar pela do Padre Gonçalo Ignacio de Loyola Albuquerque Mello Mororó; o segundo, escrevendo sobre a população do Ceará. Continuam com sua proveitosa collaboração os srs. G. Studart e Paulino Nogueira, seguindo-se bem urdida chronica sobre Baturité do dr. Gil Amóra. A impressão ainda foi feita na «Typ. Economica».

O quarto tomo (1890), entre outros subsidios, que enfeixa para a historia local, inicia a publicação do importantissimo trabalho «Presidentes do Ceará», da infatigavel penna do sr. desembargador Paulino Nogueira, occupando-se do primeiro presidente cel. Pedro José da Costa Barros. O sr. Perdigão de Oliveira se occupa, demorada e documentadamente, da villa de Quixeramobim, subscrevendo ainda trabalhos de subido valor os srs. G. Studart, Th. Pompeu e J. Brigido. Foi a Typ. Economica» a encarregada da impressão,

O quinto tomo (1891) regista, de notavel, demorado trabalho sobre «João Baptista de Azevedo Coutinho de Montaury e seu governo no Ceará», e «Seiscentas Datas para a historia do Ceará», ambos da autoria do sr. G. Studart. O sr. Paulino Nogueira, neste volume, publica a continuação de seus estudos sobre os presidentes da provincia. fallando do segundo, o coronel Jose Felix de Azevedo e Sá.

O tomo sexto (1892), com a inserção de novos documentos, illustra suas paginas com a brilhante collaboração do notavel cearense Farias Britto, de saudosa memoria, publicando varios artigos que muito recommendam os creditos literarios de seus autores, os srs. G. Studart, Gomes de Mattos e Paulino Nogueira, este ultimo editando o seu es-

tudo sobre o presidente (3), coronel Antonio de Salles Nunes Berford, continuação dos anteriores.

O setimo tomo (1893) todo elle foi occupado com um trabalho extensissimo do sr. Perdigão de Oliveira sobre a debatida questão—«Limites do Ceará com o Rio Grande do Norte».

O oitavo tomo (1894) no fasciculo correspondente aos dois primeiros trimestres vem estampado paciente e demorado estudo do sr. desembargador Paulino Nogueira sobre as Execuções de pena de morte no Ceará e mais alguns artigos dos srs. Perdigão de Oliveira e G. Studart. O fasciculo referente aos dois ultimos trimestres do anno occupa-se unicamente da conclusão do trabalho anterior do sr. Paulino Nogueira.

O nono tomo (1895) regista interessante relação dos presidentes e vice-presidentes que têm administrado a Provincia desde 1824 a 1896, trabalho firmado pelo Barão Homem de Mello. O conhecido historiographo cearense Antonio Bezerra de Menezes inicia a sua collaboração publicando a descrição da cidade de Fortaleza. Tal volume é enriquecido de valiosos documentos historicos.

O decimo tomo (1896) continúa com a publicação do trabalho do sr. Paulino Nogueira sobre os presidentes do Ceará, referindo-se ao 4.º e 5.º, Marechal de Campo Manoel Joaquim Pereira da Silva e Tenente Jose Mariano Cavalcante de Albuquerque, abrilhantando suas columnas, alem dos collaboradores atrás citados, os srs. Conselheiro Alencar Araripe e dr. José Hygino.

O decimo primeiro tomo (1897) salienta-se pela escolhida materia, que encerram as suas paginas. Publica, além de outros documentos, u'a memoria sobre a capitania do Ceará escripta em 18 de abril de 1814 pelo governador Luiz Barba Alardo de Menezes; o relatorio ou synopse historica da inauguração da Sociedade «Cearense Li-

bertadora»; a petição dirigida ao Supremo Tribunal Federal pelo Procurador Geral do Estado Desembargador Antonio Sabino do Monte, em que suscita conflicto de jurisdição com o Estado do Rio G. do Norte sobre limites entre os dois Estados. O referido tomo inicia ainda a publicação do manuscripto—«A Imprensa do Ceará», do sr. Perdigão de Oliveira, trás a continuação dos «Presidentes do Ceará» (6.º—tenente-coronel Ignacio Correia de Vasconcellos), publicando mais a integra da lei n.º 393 de 22 de setembro de 1897, que trata das Armas do Ceará.

O 10.º e 11.º tomos sairam da «Typ. Studart».

O decimo segundo tomo (1898) enumera innumeros trabalhos de inconstestavel valor para a historia da terra, destacando-se o estudo feito sobre o 7.º Presidente do Ceará (periodo regencial) senador José Martiniano de Alencar. Fecha este volume o officio, que o «Instituto do Ceará» dirigiu ao conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro, presidente do «Instituto Historico e Geographico Brasileiro», encaminhando o «retrato, em tamanho natural, e ricamente emmoldurado do ex-Imperador do Brasil, o sr. d. Pedro de Alcantara, o qual se achava no salão nobre do Paço da Assembléa Legislativa Provincial». Tal retrato havia sido entregue ao «Instituto do Ceará» e recolhido á sala das sessões por indicação do então Governador do Estado tenente-coronel Luiz Antonio Ferraz, em Fortaleza, a 16 de novembro de 1889, mas por lembrança do sr. José Arthur Montenegro, socio do «Instituto», resolveu essa associação offerecer dito retrato ao seu collega do Rio de Janeiro.

Não sabemos como explicar o modo de proceder do «Instituto do Ceará» consentindo, aliás sob proposta de um dos seus mais illustres conso-

cios, que vingasse a idéa de tal offerta ao «Instituto Historico», quando melhor apposição teria o retrato do velho Imperador no local onde a gentilesa do presidente Ferraz houve por bem designar. Nos dias que correm, além do testemunho publico dos cearenses pelo muito que devem ao grande brasileiro—a erecção de sua estatua em uma das melhores arterias de Fortaleza, o que é um facto para a honra do nome do lendario Estado—, a conservação desse retrato no salão do «Instituto do Ceará» attestaria sua dupla gratidão, sendo esta ultima talvez a mais significativa e que melhor carinho recebesse, por passar a figurar na galeria nobre de uma associação cujo fim principal é justamente perpetuar e venerar as cousas do passado. O «Instituto do Ceará» assim, porém, não quiz entender, e, impatrioticamente, se desfez de tão valiosa reliquia.

O tomo decimo terceiro (1899) recommenda-se pela brilhante collaboração, que inicia, de Capistrano de Abreu; um trabalho de Antonio Pereira Pinto, sobre a Confederação do Equador na parte relativa ao Ceará», além de varios outros documentos. Neste volume o sr. Paulino Nogueira ultima o seu estudo sobre a presidencia do senador José Martiniano de Alencar.

O tomo decimo quarto (1900) edita escriptos de J. Brigido, Perdigão de Oliveira, Paulino Nogueira (este occupando-se dos 8.° e 9.° presidentes—Manoel Felizardo de Souza e Mello e Bacharel João Antonio de Miranda). O Conego Ulysses Penafort publica interessante trabalho sobre— «O nome Ceará». Outros artigos documentados se encontram nas 284 paginas deste volume, sendo digno de registo o que se refere a «Um bando do governo do Ceará sobre a moeda Xenxem», documento que esclarece uma duvida numismatica.

O tomo decimo quinto (1901) comprehende um summario variadissimo, um dos melhores da «Re-

vista». O sr. Paulino Nogueira fala sobre o 10.º presidente Bacharel Francisco de Souza Martins.

Antonio Bezerra, Alves Linhares, Tristão de Alencar Araripe, João Nogueira, Barão de Studart e outros, dão realce ás paginas do alludido tomo, cuja publicação continua a ser feita na «Typ. Studart». Prende a attenção dos leitores a transcripção dos artigos referentes á discussão, que se travou, naquella época, na imprensa de S. Paulo sobre a origem do vocabulo «Ceará», estudo que mereceu as vistas competentes de Cunha Mendes, Theodoro Sampaio e João Mendes Junior.

O tomo decimo sexto (1902) encerra optimos trabalhos firmados por Paulino Nogueira, Antonio Bezerra, Barão de Studart, J. Brigido e outros escriptores, destacando-se copiosa serie de artigos sobre a origem do nome *Ceará*, em que figuram João Mendes Junior, Theodoro Sampaio, Cunha Mendes, Antonio Bezerra e Barão de Studart. Enfeixa os mais valiosos documentos para a historia da *Questão de Grossos* (Limites do Ceará com o Rio Grande do Norte), inclusive o officio do presidente Pedro Borges nomeando o dr. Matheus Nogueira Brandão para arbitro nessa importante questão, a acceitação do mesmo, o compromisso firmado pelos representantes do Ceará e Rio G. do Norte, para que a questão fosse resolvida, amigavelmente, com a nomeação do arbitro Nogueira Brandão e conselheiro dr. Antonio Coelho Rodrigues, este pelo Estado do Rio G. do Norte, o brilhante laudo do arbitro desempatador conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira concluindo pela victoria do Ceará, declarando que o terreno disputado faz parte pelos limites do territorio do Estado do Ceará; e finalmente, o projecto apresentado á Camara dos Deputados pela representação cearense traçando os limites entre o Ceará e o Estado do Rio G. do Norte, de accordo com o convenio e compro-

misso assignados pelos deputados rio-grandenses, projecto cuja integra é a seguinte:

«Art. 1.º A linha divisoria entre o territorio do Estado do Ceará e o territorio do Estado do Rio G. do Norte continúa a ser fixada da costa para o centro, a partir da Barra do Mossoró, seguindo pelo canal navegavel do estuario do mesmo nome até o logar *Pau Infincado*, três leguas acima da foz: e desse ponto para o occidente até a Serra Danta de dentro, e dahi em diante, sempre pelo *divortium aquarum* do planalto e serra do Apody que corre para o sul.

«Art. 2.º—Estes limites serão demarcados por operações no campo e escriptos na carta topographica da região, de conformidade com o texto da Provisão regia de 17 de dezembro de 1793, laudo adoptado pela sentença arbitral de 24 de julho de 1902, o respectivo compromisso de 20 de março do corrente anno.

«Art. 3.º—Revogam-se as disposições em contrario».

O tomo decimo setimo (1903) todo elle foi consagrado ao tricentenario do Ceará. Tirou-se uma edição especial em papel assetinado, sendo a materia contida neste volume escolhida e prendendo-se ao assumpto commemorativo. Constitue um dos melhores numeros da «Revista», illustrado como foi com a letra do Hymno do Ceará da penna de Thomaz Lopes e musica de Alberto Nepomuceno, ambos cearenses. Foi a pedido do Barão de Studart que Thomaz Lopes e o grande maestro prestaram-lhe sua preciosa e apreciada collaboração. O referido tomo é ainda illustrado com uma bem acabada planta do Forte de Schoonenborch, da Bahia de Mucuriba e do Monte Itarema, situado no Siará, aos 28 de abril do anno de 1649.

O tomo decimo oitavo (1904), no respectivo summario, regista, em destaque, excellente trabalho do desembargador Paulino Nogueira sobre a

individualidade do Padre Francisco Pinto ou a primeira catechese de indios no Ceará. Publica ainda um bom trabalho de Capistrano de Abreu sobre o tricentenario do Ceará e as razões finaes do dr. Frederico Borges na questão de limites do Ceará com o Rio Grande do Norte.

O tomo decimo nono (1905) compendia farta collaboração, enumerando-se as de Capistrano de Abreu, Alfredo de Carvalho, Barão de Studart, Paulino Nogueira, Eduardo M. Peixoto e outros.

O dr. Matheus Nogueira Brandão, em demorado estudo, faz a explanação relativa aos limites do Ceará com o Rio Grande do Norte, vendo-se ainda um bem lançado artigo do dr. Americo Verneck sobre essa debatida questão, artigo que não é outra cousa senão um solemne protesto ao desrespeito do Estado do Rio Grande do Norte, deixando de entregar o terreno em litigio e resignar-se á decisão do arbitro por elle mesmo escolhido, negando-se á execução da sentença e recorrendo a outros meios incompativeis com a natureza do facto, desde que, escolhido, como foi pelos dois Estados, o arbitramento para solução da controversia, «não era mais possivel a intervenção onde não havia mais litigio, não era mais possivel resolver definitivamente aquillo que já havia sido resolvido em virtude de um acto definitivo anterior, provocado por accôrdo solemne e voluntario dos unicos interessados no pleito».

Os tomos 20.º, 21.º, 22.º e 23.º, comprehendendo os annos de 1906, 1907, 1908 e 1909, publicam importantes trabalhos de incontestavel valôr para a historia do Ceará, continuando a abrilhantarem as paginas da «Revista» as pennas respeitaveis de Barão de Studart, Paulino Nogueira, João Brigido, Antonio Bezerra, João Perdigão, e outros escriptores de reconhecida idoneidade. Os srs. dr. Gustavo Horacio de Figueiredo, Benedicto dos Santos e Barão de Vasconcellos, nos fasciculos re-

ferentes aos annos alludidos, iniciam sua collaboração com promettedores trabalhos historicos.

Do anno de 1909 em diante a «Revista do Instituto» viu-se privada da brilhante collaboração do illustrado, e mallogrado desembargador Paulino Nogeira, sustentaculo do «Instituto do Ceará», como seu presidente que era, fallecido em Fortaleza a 15 de junho de 1908.

Os tomos 24.º, 25.º, 26.º e 27.º, referentes aos annos de 1910, 1911, 1912 e 1913, registam copioso summario figurando nelles trabahos importantes de Barão de Studart, João Brigido, Alfredo de Carvalho, Benedicto Santos, Barão de Vasconcellos, Leite Filho, Padre Vicente Martins, Souto Maior, José Luiz de Castro, Soares Bulcão, Tristão Alencar Araripe, Thomaz Pompeu Sobrinho, destacando-se, nesses volumes, os importantes trabalhos de Capistrano de Abreu—«Vaz Caminha e sua carta», a «Narrativa historica» sobre o grande cearense General Antonio Tiburcio de Souza, da penna de Lobo Vianna, e as «Memorias do Professor Manoel Ximenes de Aragão», documento que offerece farto subsidio para a historia do Ceará, cujo original, graças ao sr. João Brigido, não se perdeu «havendo-o este do proprio autor, pobre professor primario, velho e cégo».

O autor destas linhas inicia no tomo correspondente ao anno de 1912 a sua collaboração na «Revista» com o artigo—«Antonio Conselheiro em juizo» (Um episodio de sua vida), suas primeiras locubrações literarias sobre as cousas do passado, pallidas memorias que, publicadas, primitivamente, no *Jornal do Recife* (edição de 24 de junho de 1912), por uma gentileza toda especial do exm.º sr. dr. Barão de Studart foram transcriptas no fasciculo da «Revista», acima referido.

Os tomos 28.º, 29.º, 30.º e 31.º, correspondentes aos annos de 1914 a 1917, encerram trabalhos de inestimavel valor para a historia local, figurando

nelles os nomes superiormente respeitados, no mundo das lettras, Barão de Studart, Sebastião de Vasconcellos Galvão, Escragnolle Doria, Xavier Marques, Mario de Alencar, Thomaz Pompeu, Affonso Claudio, Antonio Bezerra e outros.

O tomo 32.º (anno de 1918) publica optimos trabalhos, tendo esse volume a collaboração dos srs. Palma Muniz, Augusto Rocha, Domingos Jaguaribe, Barão de Studart, Monsenhor Bruno de Figueiredo, Aècio Prado, Escragnolle Doria, Carlos de Laet, José Pinheiro, Orville Derby, J. Brigido, Antonio Theodorico, Zosimo Barroso, Benedicto Santos e o autor do presente estudo.

O tomo 33.º (1919) enfeixa importante trabalho de Cruz Abreu, que se apresenta com «Presidentes do Ceará», em continuação á serie iniciada pelo desembargador Paulino Nogueira e interrompida em virtude do fallecimento deste.

Nesse volume figuram tambem explendidos artigos do Barão de Studart, Thomaz Pompeu Sobrinho e Sylvio Fróes Abreu, sendo ainda nelle incluida a memoria, que sobre «A imprensa no Ceará» em 1918 apresentou ao 1.º Congresso de jornalistas, reunido no Rio de Janeiro, o autor destas linhas.

Os tomos 34.º e 35.º (annos de 1920 e 1921) publicam artigos firmados por Cruz Abreu, padre Vicente Martins, José Carvalho, Raymundo Ribeiro, Barão de Studart, Capistrano de Abreu, Augusto Rocha, Antonio Theodorico e Eusebio de Sousa.

O tomo 36.º (1922), commemorativo do 1.º centenario da Independencia do Brasil, encerra um volume de 518 paginas, nitidamente impressas.

Nelle collaboram Cruz Abreu, Antonio Theodorico, Barão de Studart, Rocha Pombo, Eusebio de Sousa, Manoel Satyro, padre Fortunato Linhares, Raymundo Ribeiro e Escragnolle Doria.

O tomo 37.º (1923) traz em suas paginas tra-

balhos de Bruno Barbosa, padre Heliodoro Pires, Antonio Theodorico, Manoel Satyro, Barão de Studart, Eusebio de Sousa e Aristides Barreto, alem de varios documentos para a Historia do Brasil, e especialmente a do Ceará, da Collecção Studart.

Todos esses tomos—do 12.º em diante—sairam da «Typ. Minerva» de Assis Bezerra.

No anno de 1924 a «Revista», commemorando o primeiro centenario do jornalismo cearense e da adhesão do Ceará á Confederação do Equador, publica um tomo especial de cerca de 700 paginas, cujo summario compendia valiosa materia sobre os dias memoraveis, datas cearenses, de responsabilidade dos srs. Thomaz Pompeu, Julio Cezar da Fonseca, Barão de Studart, Eusebio de Sousa, Torres Camara, Palma Muniz, Antonio Augusto, José Lino da Justa e Francisco Prado, alem da parte documentaria desses centenarios.

O numero ordinario desse anno (1924) traz um summario convidativo, figurando nelle os srs. Barão de Studart, Cruz Abreu, Antonio Theodorico, R. Torcapio, Julio Cezar da Fonseca, Palma Muniz e Sylvio Fróes Abreu.

***

O «Instituto do Ceará», segundo disposição de seus Estatutos, compõe-se de 12 socios effectivos, e de socios correspondentes, honorarios e benemeritos em numero indeterminado.

Presentemente enumera elle a seguinte relação :

1.º) dr. Barão de Studart (fundador), 2.º) João Baptista Perdigão de Oliveira (fundador), 3.º) dr. Antonio Augusto de Vasconcellos (fundador), 4.º) Juvenal Galeno da Costa e Silva (fundador), 5.º) dr. Thomaz Pompeu de Souza Brasil (1888), 6.º) Monsenhor Bruno R. da Silva Figueiredo (1912), 7.º) Pharmaceutico Rodolpho Theophilo (1912), 8.º) dr.

Antonio Theodorico da Costa (1912), 9.°) dr. Alvaro Octacilio Nogueira Fernandes (1912), 10.°) dr. José Lino da Justa (1915), 11.°) desembargador Alvaro Gurgel de Alencar (1915), 12.) Padre Rodolpho Pereira da Cunha (1922).

Dos seus socios effectivos desappareceram do numero dos vivos os srs. dr. José Sombra (16 de março de 1888), Joakim Catunda (28 de julho de 1907), desembargador Paulino Nogueira (15 de junho de 1908), dr. Virgilio Augusto de Moraes (6 de maio de (1914), Dr. Soriano de Albuquerque (5 de setembro de (1914) e Antonio Bezerra de Menezes (28 de agosto (1922).

Passaram para a classe dos honorarios os socios effectivos fundadores Padre dr. João Augusto da Frota e Julio Cezar da Fonseca.

No corpo de correspondentes nacionaes existem 200 socios e no de estrangeiros 20.

O «Instituto do Ceará» está em correspondencia com 63 Associações e Estabelecimentos nacionaes e 58 Universidades e Associações estrangeiras.

Embora registando elle no corpo de seus socios effectivos vultos, que se tem tornado recommendaveis nas lettras do paiz, até hoje não têm podido ou querido cumprir a disposição de seus estatutos que prescreve para ser admittido socio effectivo, nos casos de morte ou de renuncia, a exigencia da apresentação pelo candidato de um trabalho ou memoria, que será submettida á consideração de u'a commissão nomeada para esse fim.

Si bem que se não possa admittir a menor suspeita sobre o valor das mentalidades de monsenhor Bruno Rodrigues da Silva Figueiredo, drs. Antonio Theodorico da Costa, Alvaro Octacilio Nogueira Fernandes, José Lino da Justa, Alvaro Gurgel de Alencar, Manoel Soriano de Albuquerque (este já fallecido) e Padre Rodolpho Pereira

da Cunha, nomes que se têm feito notaveis nos varios departamentos dos conhecimentos humanos, até o presente nenhuma vaga foi ali preenchida observando-se a lettra regulamentar, tendo para o «Instituto» entrado taes individualidades unicamente pela recommendação pessoal.

Tal inobservancia do preceito institucional, como é de prever, tem dado resultado negativo— falta de estimulo no proprio recipiendario, não se empossando de sua cadeira, não comparecendo ás sessões com a pontualidade que a bôa fama da associação reclama, alguns outros até talvez ignorando o local da séde do «Instituto». D'ahi gerar-se a solução de continuidade, que tem havido na vida do mesmo «Instituto».

Outro fosse o criterio adoptado na admissão de socios effectivos, observados fossem, restrictamente, os seus estatutos, nesse particular, estamos certos que os seus progressos marchariam a passos de gigante e jamais receiariamos do confronto que, por ventura, se fizesse com qualquer de suas congeneres do paiz.

Aqui fica, em traços geraes, o esbôço da vida da mais antiga associação de lettras cearense.

Quixadá, Junho, 1925.

Eusebio de Sousa.